

“

O começo da carreira em psicologia: aspectos sobre a escolha teórica na clínica psicanalítica

| Eliana Cristina da Silva **Arambell**
UCDB

| Felipe Maciel dos Santos **Souza**
UFGD

RESUMO

A decisão sobre a escolha da abordagem teórica para a futura atuação do acadêmico de Psicologia pode suscitar angústia e incerteza devido às diferentes possibilidades e à responsabilidade que envolve essa definição. O presente estudo objetivou conhecer aspectos relevantes à escolha da abordagem teórica pelos acadêmicos de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior no interior de Mato Grosso do Sul, buscando descrever os motivos que levam esses acadêmicos a denominarem-se Psicanalistas e a optarem pela linha teórica psicanalítica. A amostra foi composta por 10 participantes, do décimo período que responderam a um questionário construído pela pesquisadora contendo o mesmo conteúdo para todos os participantes. A análise dos dados foi realizada de forma quantitativa, através da verificação das respostas. Dentre essas respostas foi possível identificar que três dos dez participantes consideram-se psicanalistas e oito deles possuem o correto conhecimento do tripé psicanalítico, embora tenha sido verificada a existência de algumas dúvidas quanto a definição de alguns conceitos básicos da Psicanálise. Verificou-se ainda, a existência de algumas dificuldades na definição do que é ser Psicanalista. A discussão sobre a escolha teórica deve ser ampliada, sendo necessária a junção das áreas (profissão, curso de graduação e atuação) para maior compreensão sobre o assunto.

Palavras-chave: Estudantes; Mato Grosso do Sul; Psicanálise.

INTRODUÇÃO

A decisão sobre a escolha da abordagem teórica para a futura atuação do acadêmico de Psicologia pode suscitar angústia e incerteza devido às diferentes possibilidades e à responsabilidade que envolve essa definição. O processo dessa incumbência da escolha pode tornar-se difícil devido a possíveis pressões que normalmente são exercidas pelo ambiente social ao qual o aluno está inserido. Essas pressões podem aumentar, sobretudo no último ano, época em que ocorrem os estágios de formação profissional e o estudante precisa posicionar-se frente a uma linha de atuação.

Para Souza e Souza (2012, p. 38), “a escolha torna-se algo que pode gerar angústia no indivíduo em formação acadêmica, por representar uma incerteza, deste modo, o graduando que se vê frente à possibilidade de escolher, pode angustiar-se por não saber as consequências de sua escolha”.

Desde o seu advento, a Psicologia moderna vem sendo definida pelo aumento de seu campo de trabalho oferecendo ao profissional oportunidade de atuação em diversas áreas. Essa área de atuação pode ser entendida como o conjunto de atividades que o profissional está habilitado a realizar.

Além da amplitude de possibilidades de atuação que a Psicologia apresenta, há também a variedade teórica e as diversas maneiras de observar e entender o homem, seu propósito de estudo. Para Bock *et al.* (1999, p. 91):

As teorias científicas surgem influenciadas pelas condições da vida social, nos seus aspectos econômicos, políticos, culturais etc. São produtos históricos criados por homens concretos, que vivem o seu tempo e contribuem ou alteram, radicalmente, o desenvolvimento do conhecimento.

Dentre essa variedade teórico-metodológica da Psicologia encontra-se o Behaviorismo, a Gestalt, o Psicodrama, a Humanista, a Analítica, Fenomenológica, a Sócio-Histórica, a Cognitivo-Comportamental, a Positivista, etc. Entre essas abordagens teóricas citadas e outras diversas existentes, está a Psicanálise, que foi a escolhida para ser pesquisada neste trabalho.

O termo *psicanálise* refere-se a uma teoria criada pelo médico vienense Sigismund Schlomo Freud (1856-1939), conhecido como Sigmund Freud. Seus estudos mudaram a história da Psicologia e segundo Bock *et al.* (1999, p. 91), a contribuição de Freud pode ser comparada à de Karl Marx diante da compreensão dos processos históricos e Sociais. Ele ousou romper com certas convenções de sua época e posicionar os “processos misteriosos” do psiquismo, suas “regiões obscuras”, isto é, as fantasias, os sonhos, os esquecimentos, a interioridade do homem, como problemas científicos.

Na atualidade, a Psicanálise é utilizada por meio de distintas vertentes e a título de exemplo, pode-se citar a Psicanálise Lacaniana pautada no trabalho de Jacques Lacan que resgatou as ideias Freudianas, a Kleiniana que atua segundo os conceitos teóricos de Melanie Klein, a Winnicottiana baseada nos estudos e no trabalho de Donald Winnicott. A atuação do psicanalista é desenvolvida em grande parte, na clínica e, para o exercício dessa função é necessário dedicar-se a cursos de formação que variam tanto em suas durações quanto na variedade de seus movimentos teóricos.

Considera-se importante a fase onde o acadêmico de Psicologia realiza a escolha da abordagem teórica que o norteará em sua futura atuação profissional. As dificuldades existentes nesta fase causadas pela variedade de possibilidades e pela pressão exercida pelo meio social promovem situações que não são incomuns onde estudantes que tinham clareza em sua escolha sobre a Psicanálise no início da graduação, ao se depararem com a variedade de abordagens existentes, entram em conflito que acabam gerando dúvidas sobre suas escolhas.

O presente artigo trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória e buscou descrever os motivos que levam acadêmicos do curso de Psicologia, de uma Instituição de Ensino Superior no interior de Mato Grosso do Sul, a optarem pela linha teórica psicanalítica e discutir sobre o alcance da Psicologia na sociedade e qual a compreensão do modelo psicanalítico como proposta de psicoterapia. Com essa pesquisa buscou-se ainda exemplificar os diversos conceitos teóricos adquiridos durante a formação e identificar o número de acadêmicos que se intitulam psicanalistas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Aspectos Éticos

Conforme determinação de Brasil (2012), a pesquisa foi aprovada pelo parecer consubstanciado número 2.273.329, CAAE: número 73332217.0.0000.5159, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP/UNIGRAN).

Participantes

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior, localizada no interior de Mato Grosso do Sul. Participaram da pesquisa de forma voluntária, dez acadêmicos, homens e mulheres, maiores de 18 anos regularmente matriculados no 10º semestre do curso de Psicologia, sendo cinco do turno matutino e cinco do turno noturno.

Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, construído pela pesquisadora e com o mesmo conteúdo para todos os participantes. Para isto foram consultados livros, teses, dissertações e resumos de trabalhos fundamentados na Psicanálise.

A composição do questionário continha uma seção de identificação, breve apresentação da pesquisa, instruções para responder e 10 questões, as quais foram divididas em abertas (40%), fechadas (60%) e agrupadas de acordo com diferentes objetivos da pesquisa. Na identificação, os participantes receberam um código conforme a ordem em que participaram. Esta codificação visou

manter o sigilo de identidade dos mesmos.

Para a análise dos dados foi quantificado as respostas dadas às questões 2 e 4, quantos responderam “sim” e quantos responderam “não”. Para a análise das questões abertas 1 e 3, após a leitura das respostas, foram selecionados trechos das mesmas, relacionados e discutidos com a literatura localizada referente às escolhas teóricas em Psicologia. Para a análise da questão 5, a qual se trata de uma escala Likert, foi identificado os diferentes graus de opinião sobre um tópico específico.

Para as questões 6, 7, 8, 9, e 10, foi utilizado um gabarito elaborado por um professor, com conhecimentos e formação em Psicanálise e realizada a correção e identificação de quantas questões foram respondidas corretamente e quantas foram respondidas erroneamente.

Os dados obtidos, a partir das análises das questões 5 e 9 foram apresentados em forma de gráfico e tabela, para que possam ser relacionados e discutidos com a literatura localizada referente às escolhas teóricas em Psicologia, e conhecimento teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Roudinesco e Plon (1998, p. 603), Psicanálise é um termo criado em 1896, por Sigmund Freud, para dar nome a um processo particular de psicoterapia (ou tratamento pela fala), resultante do método catártico de Josef Breuer com base na exploração do inconsciente, através da associação livre, oriunda do paciente e da interpretação oriunda do psicanalista. Abaixo ilustram-se as respostas dadas quanto ao questionamento sobre “O que é Psicanálise”.

“É uma abordagem teórica que tem como base principal as questões relativas ao inconsciente, pela qual se acredita obter acesso ao inconsciente através da associação livre” (A002)¹.

“A Psicanálise é uma das abordagens clínicas utilizadas por psicólogos, porém, é uma formação, cujo pré-requisito para estudar, além do desejo, é a aprovação em uma escola de psicanálise. É uma teoria que entende a natureza humana através dos conflitos inconscientes” (A009).

A Psicanálise se refere à modalidade de tratamento em que o terapeuta essencialmente trabalha com a noção dos princípios e leis que regulam o inconsciente dinâmico, levando em conta os requisitos psicanalíticos básicos, por exemplo, a existência de um campo analítico, resistências, transferências e contratransferências e atividade interpretativa constante (ZIMERMAN, 1999).

O participante 009 ainda destaca a questão da formação do psicanalista em uma escola de Psicanálise. Nesse sentido pôde-se observar que essa formação apresenta algumas particularidades distintas da formação em Psicologia. De acordo com Vieira e Figueiredo (1997):

A psicanálise tem como solo de origem a psiquiatria, e sua expansão se dá no campo das psicologias como uma modalidade de psicoterapia mais ou menos absorvida pelas práticas psiquiátricas. São, portanto, dois campos de

formação universitária que, no entanto, não formam propriamente psicanalistas. Estes se profissionalizam fora da universidade em associações privadas não reconhecidas pelos órgãos oficiais de ensino. Este é um fato mundial. Não há registro profissional para os psicanalistas, nem organizações sindicais que os representem. Sua formação passa ao largo dessas organizações e necessariamente pela análise pessoal como requisito indispensável, além do estudo teórico e da prática supervisionada (VIEIRA; FIGUEIREDO, 1997, p. 29).

Ao serem questionados quanto a considerar-se ou não psicanalistas três participantes disseram que sim e sete disseram que não. As transcrições abaixo ilustram duas justificativas da escolha teórica, dentre os que disseram se considerar psicanalistas:

“Quando você escolhe a psicanálise e ama a mesma percebe-se pelo fato que aonde você vai, quem você atende, aonde você trabalha, você só consegue ver a psicanálise, ver o sujeito no seu mais profundo” (A006).

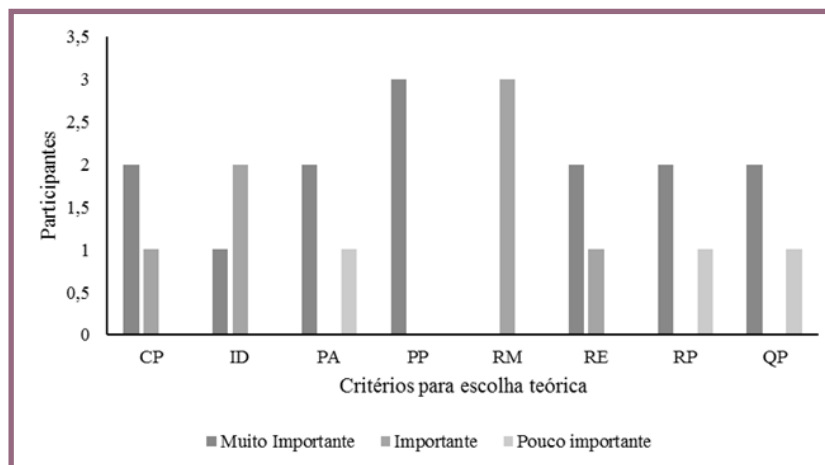
“Pois me identifiquei com a linha teórica da abordagem, gosto da atuação. Desde os primeiros semestres estudando sobre a psicanálise me identifiquei com a linha teórica apresentada” (A001).

Observa-se, portanto a existência, tanto de pessoas que se consideram psicanalistas e que ainda não estão inseridos em sua totalidade nesse processo de formação psicanalítica, quanto de pessoas que não se consideram psicanalistas, mas realizam atendimentos clínicos dentro da abordagem da psicanálise.

Todo analista, de acordo com Nasio (1999), está disposto para alguma coisa que é uma experiência única: saber identificar fora de si mesmo, em si o que é do outro de modo inconsciente, o inconsciente na análise. Isso significa que a essência está no desejo de quem opera que está no analista quando pratica o seu trabalho.

Na análise da questão 5, a qual se tratou de uma escala Likert, e que somente responderiam àqueles que se considerassem psicanalistas, alguns critérios para a escolha teórica psicanalítica foram classificados segundo o seu grau de importância como Importante, Muito Importante e Pouco importante. Os critérios perguntados foram: conhecimento prévio (CP), identificação com os professores de Psicanálise do curso (ID), participação em grupos de estudo de Psicanálise (PA), psicoterapia individual com profissional psicanalista (PP), realização de mini-cursos e/ou curso em Psicanálise (RM), realização de estágios em Psicanálise (RE), realização de pesquisa em Psicanálise (RP), quantidade de disciplinas de Psicanálise na graduação (QP). O Gráfico 1 foi utilizado para ilustrar as justificativas das escolhas dos três participantes que disseram considerar-se psicanalistas:

Gráfico 1. Classificação de critérios para escolha teórica segundo os participantes que se intitulam psicanalistas.



Para Maurano, (2006, p. 69), a análise pessoal de um psicanalista, ou de candidatos a essa função deveria ser condição *sine qua non* para o exercício do ofício, não podendo ser substituída por nenhum outro procedimento de qualquer natureza e se isso não estiver muito claro na instituição escolhida, então talvez o nome Psicanálise esteja sendo utilizado de forma incorreta. Pôde-se observar que os três participantes que disseram se considerar psicanalistas possuem a mesma opinião quanto à importância da análise pessoal já que todos os três responderam considerar muito importante a realização da psicoterapia individual com um profissional psicanalista. No questionamento quanto ao grau de importância da participação em grupos de estudos em Psicanálise um dos três participantes, que se considera psicanalista, disse julgar pouco importante a participação em grupos de estudos em Psicanálise.

Na questão 6, os participantes analisaram um texto e realizaram a descrição de qual conceito psicanalítico o trecho se referia, observou-se que nove dos dez participantes identificaram corretamente como sendo o conceito de transferência.

“Por esse processo, o analisando imputa ao seu analista certas posições correlativas àquelas nas quais se encontram as figuras primordiais para ele desde o início de sua vida. Nessa perspectiva, é preciso que apareça um traço pelo qual a pessoa do analista seja identificada com uma pessoa do passado. Nela encontra-se coagulado àquilo que o sujeito espera do Outro a quem ele se dirige. Isso aparece por uma experiência na qual o sujeito comparece de forma mais próxima da verdade de seu desejo, revelando sua forma de lidar com ele, o que mostra que o inconsciente não é um reservatório do passado, mas algo que se atualiza no presente” (MAURANO, 2006, p. 16).

De acordo com a teoria de Freud, a Transferência está relacionada aos afetos do analisando, ligados à figura do analista. A transferência está presente em todas as relações humanas, a diferença é que a Psicanálise a utiliza como ferramenta, já que a mesma proporciona uma “atualização” do inconsciente. Maurano, (2006, p. 16-17), diz que a transferência é condição preliminar para se estabelecer um tratamento psicanalítico. Se por algum motivo o paciente não é capaz de fazer um

investimento no analista, sobretudo em atribuir-lhe um suposto-saber, e vivenciar as conseqüências disso, inclusive em seu campo afetivo, então a utilização do método psicanalítico fica impossibilitado. Desta maneira, considera-se a transferência como o fio condutor do tratamento e ao mesmo tempo sua barreira, campo no qual pode ocasionar o seu fracasso.

Segundo Jorge e Ferreira (2005), o “nó borromeano” ou a tripartição do conceito de R.S.I., sigla de real, simbólico e imaginário, construída por Lacan e também nomeada por ele de “trindade infernal” foi incluída inicialmente em sua conferência de julho de 1953 e retomada no seminário de 1974-75, com o título de R.S.I. Em sua construção, Lacan teve como inspiração, além das ciências de seu tempo, a lingüística, a antropologia estrutural e a matemática. Além do mais, deve-se ressaltar que o sintoma é produto do entrelaçamento entre real, simbólico e imaginário, estabelecido no R.S.I. como resultado do simbólico no real.

Quanto ao questionamento sobre o autor dos componentes do “nó borromeano”, os conceitos de real, simbólico e imaginário (R.S.I), os dez participantes demonstraram conhecimento como sendo Lacan o teórico autor da teoria, na qual esses conceitos fazem parte. No que diz respeito aos três pilares, que compõem a base da formação de um psicanalista, Freud e Lacan os definiam como sendo elementos primordiais e essenciais para a constituição psicanalítica: a supervisão, a formação técnica e teórica e a análise pessoal. Embora existam variações, porém observa-se que:

[...] os componentes do famoso tripé podem ser descritos da seguinte forma: ser analisado e estar disponível para voltar a ser analisado; ter estado e estar disponível para inúmeras situações de supervisão, tanto individualmente como em grupo e participar de seminários clínicos; dedicar-se a conhecer a obra de Freud, reconhecendo-a como o ponto de partida de inúmeros outros pensadores e teóricos da Psicanálise (SARAIVA; NUNES, 2007, p. 264).

Nos resultados obtidos observou-se que oito dos dez participantes possuem o correto conhecimento dos três pilares que compõem o tripé psicanalítico. Entre os três participantes que disseram considerar-se psicanalista, foi verificado que dois responderam corretamente a questão sobre o tripé e um respondeu de forma equivocada.

Sabemos que para a formação em Psicanálise, não se faz necessária a presença da formação acadêmica em Psicologia *a priori*, podendo participar da formação psicanalítica profissionais das mais diversas áreas que tenham desejo em fazer parte desse processo, porém, a formação do psicanalista apresenta algumas particularidades distintas da formação em Psicologia. Nunes e Saraiva (2007), apontam os três pilares “supervisão como forma de transmissão essencial do saber psicanalítico; o arcabouço teórico; e processo analítico pessoal”, como sendo essenciais para a formação de uma analista.

Um dos principais conceitos da Psicanálise são os chamados “mecanismos de defesa”, considerados como uma das formas mais comuns de lidar com emoções desagradáveis e como sendo uma estratégia do ego de preservar a personalidade daquilo que ele considera ameaça. O ego então

distorce ou suprime a realidade, afastando conteúdos psíquicos desagradáveis e evitando assim o desprazer. Os principais mecanismos de defesa são a negação, repressão, regressão, deslocamento, projeção, formação reativa, racionalização, sublimação.

A questão de número 9 tratou-se de um questionamento referente a esse conceito e apenas um dos dez participantes assinalou todas as alternativas que correspondiam corretamente a esses mecanismos de acordo com a Psicanálise. Houve três participantes que assinalaram opções incorretas como, por exemplo, “eliminação”, “pulsão de morte”, “chiste”, podendo indicar uma compreensão equivocada do que sejam os mecanismos de defesa, de acordo com a Psicanálise. Nessa questão foram distribuídas quinze palavras e solicitado aos participantes que assinalassem somente àquelas que se tratasse de um mecanismo de defesa, segundo a Psicanálise.

Para Roudinesco e Plon (1998, p. 141), os mecanismos de defesa foram designados por Freud como o conjunto de manifestações de proteção do ego, cuja função é proteger o “eu” contra as agressões internas (da ordem da pulsão) e externas passíveis de criar fontes de excitação e em consequência de serem fatores de angústia.

Na questão 10, solicitou-se que os participantes analisassem um texto e identificassem o conceito psicanalítico correspondente. Verificou-se que os dez participantes identificaram corretamente o conceito psicanalítico, a qual o texto se referia, como sendo o sintoma, o qual constitui-se para o sujeito como uma maneira de suportar aquilo que se lhe apresenta como uma representação traumática, servindo para encobri-la (MAURANO, 2006, p.27).

Freud iniciou seus estudos na Psicanálise analisando o sintoma e descobriu que ele surge para expressar algum conflito psíquico. Para Jorge (2010), o lugar do psicanalista na direção do tratamento, enquanto objeto a, é o de conduzir a análise do sintoma direcionando a travessia da fantasia, que sustenta esse tratamento dando acesso ao real ao qual esta vem recobrir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo relacionou a escolha teórica dos acadêmicos de Psicologia e a Psicanálise, elencando diversos conceitos psicanalíticos e investigando o que leva os participantes da pesquisa a denominarem-se psicanalistas. A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior no interior de Mato Grosso do Sul.

Evidenciou-se que dentre os dez graduandos entrevistados, três consideram-se psicanalistas, caracterizando a constatação de uma dificuldade na percepção da definição do que é ser psicanalista.

Outro dado relevante da pesquisa foi a verificação de que oito dos dez participantes demonstraram o correto conhecimento do tripé psicanalítico contendo os três pilares que compõem a base da formação de um psicanalista, embora tenha sido verificada a existência de algumas dificuldades na percepção do domínio de alguns conceitos básicos da Psicanálise. Foi possível perceber que há uma dificuldade na definição do que é ser Psicanalista.

Deve-se salientar que por se tratar de uma pesquisa descritiva exploratória, não é possível a generalização dos resultados, porém, estes podem servir de aporte para o surgimento de novas pesquisas relacionadas à problemática aqui estudada. Os resultados servem também para uma possível análise e reflexão do curso ofertado, uma vez que surgiram dados alusivos aos aspectos do processo acadêmico do curso. Por fim, a discussão sobre a escolha teórica deve ser ampliada, sendo necessária a junção das áreas (profissão, curso de graduação e atuação) para maior compreensão sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, A. L. T. **Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo. Editora Saraiva. 1999.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise: De Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar 2010.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA N. P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar 2005.

MAURANO, D. **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NASIO, J. D. **Como trabalha um Psicanalista?** Rio de Janeiro: Zahar 1999.

NUNES, M. L. T.; SARAIVA, L. A. A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 259-268, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARAIVA, L. A.; NUNES, M. L. T. A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 259-268, 2007.

SOUZA, M. F.; SOUZA, R. L. O processo de escolha da área de atuação pelo graduando de Psicologia. **Revista Kaleidoscópio**. Coronel Fabriciano-MG, v. 3, p. 36-58, fev./jun. 2012.

VIEIRA, M. A.; FIGUEIREDO, A. C. Sobre a supervisão: do saber sobre a psicanálise ao saber psicanalítico. **Cadernos IPUB (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25 - 30, 1997.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos**. Teoria, Técnica e Clínica uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed 1999.